

Maílson e Abreu dizem que ficam e negam choque

quarta-feira, 27/9/89 □ 1º caderno □ 13

negam choque

BRASÍLIA — A equipe econômica reagiu com rigor aos boatos de novo choque e de queda do ministro Maílson da Nóbrega que, alternativamente, tomaram conta do país ontem. Segundo o ministro João Batista de Abreu, esses rumores fazem parte de uma "coreografia macabra." De Washington, o ministro Maílson da Nóbrega mandou avisar à imprensa que não pensa em pedir demissão e divulgou uma irritada nota culpando pelos boatos "pessoas com objetivos eleitorais ou financeiros escusos." A assessora de imprensa do Ministério da Fazenda, Rosa Dalcin, explicou que "o ministro acha normal o que está acontecendo, pois no Brasil toda vez que há rumores de congelamento, fala-se na saída dele", disse.

Maílson, que discursou para um plenário praticamente vazio na abertura da reunião anual do FMI, se recusou a falar com os jornalistas mas distribuiu nota na qual, além de desmentir que está demissionário, solta algumas farpas. "Até onde eu sei, quem assessora o presidente em matérias econômicas é a Fazenda e a Seplan. O resto é especulação", diz.

Os boatos foram detonados ontem por uma reportagem do jornal *O Estado de S. Paulo* que falava na articulação de um novo choque para conter a nova escalada inflacionária, atribuindo a defesa da ideia dentro do governo ao ministro da Justiça, Saulo Ramos. Foram também reproduzidas declarações do ex-ministro Delfim Netto segundo as quais um choque seria inevitável.

Apesar da forte reação da área econômica, no Palácio do Planalto as manifestações sobre o assunto são diferentes. Assessores próximos ao



José Varella — 01.07.88

Abreu: coreografia macabra

presidente Sarney acreditam que um novo choque econômico seria a única forma de se conseguir conter a nova elevação dos índices inflacionários. Os números previstos para setembro superaram as expectativas do governo. "Quando se começa a remunerar o overnight a 50%, é porque não há mais o que segurar", comentou um desses assessores, preocupado com o que pode acontecer daqui para a frente.

Mas, todos os assessores negam veementemente a possibilidade de um choque e qualquer intenção dos ministros de deixarem o governo a menos de dois meses das eleições presidenciais. "Esta é apenas uma mostra das dificuldades que a área econômica está tendo para administrar esta fase final da transição. Algumas pessoas não estão entendendo o grave e delicado mo-

mento por que passa o país", afirmou o ministro através da sua assessoria. Durante a tarde, assessores do ministro procuravam passar a quem os procurava a certeza de que o ministro estava calmo, absolutamente certo do que estava fazendo e ciente de que ainda guarda a confiança do presidente José Sarney. "O ministro está em constante contato com seus auxiliares em Brasília e as informações que recebeu são de que a situação melhorou muito", disse um assessor seu na capital americana.

O ministro do Planejamento, João Batista de Abreu, acha que as notícias servem para alimentar os movimentos especulativos do ouro e do dólar, que, por sua vez, alimentam as notícias. Foi isto que chamou de "coreografia macabra." A única saída, segundo ele, é o governo manter a taxa de juros alta. "Ela é crucial neste momento" para evitar a fuga dos financiadores da dívida do governo para outros ativos. Além da taxa de juros alta, independente de quanto isto custe ao governo, Abreu propõe um outro remédio: "Um pacto de silêncio até o dia 15 de novembro." Segundo o ministro, "o governo tem que ficar quieto que nem um besourinho."

Para demonstrar que nem tudo está perdido, ele lembrou o excelente resultado do leilão de títulos ontem, numa clara demonstração de confiança dos agentes econômicos na política econômica oficial. "A demanda foi o dobro da disponibilidade de papéis", informou. Não disse, no entanto, que o governo precisou mudar as regras para colocar os seus títulos.